

PARTE UM

Foi o homem dos Registos quem começou tudo, esse inconsciente empertigado e sisudo, com o seu ar de superioridade e o seu velho-pensar. Era o tal a quem Syme chamava «Velha Miséria».

Não era propriamente desconhecido de Julia. Ficção, Registos e Pesquisa, todos esses departamentos faziam a segunda refeição às treze, por isso todos conheciam a cara uns dos outros. Mas, até então, ele fora apenas o Velha Miséria, o que parecia ter engolido uma mosca, o que tossia mais do que falava. Camarada Smith era o seu nome correto, apesar de «camarada» nunca lhe ter assentado muito bem. É claro, quem se sentisse ridículo a tratar alguém por «camarada», mais valia nem sequer lhe dirigir a palavra.

Ele era magro e muito pálido. Bem-parecido — ou podia ter sido, se não andasse sempre com um ar tão carrancudo. Nunca era visto a sorrir, a não ser esse esgar falso de devoção ao Partido. Uma vez Julia cometeu o erro de *lhe* sorrir, e o olhar que recebeu em troca teria azedado até o leite. As pessoas diziam que ele era exímio no seu trabalho, mas que não tivera possibilidade de avançar na carreira porque os seus pais tinham sido impessoas. Era compreensível que isso o tivesse tornado uma pessoa amarga.

Não obstante, era lamentável a maneira como Syme o atormentava. Syme trabalhava no Ministério da Verdade, mais propriamente no Departamento de Pesquisa, na criação de palavras em Novilíngua. Estas destinavam-se a purificar a mente das pessoas, mas eram essencialmente uma dor de cabeça para aprender. A maioria das pes-

soas ia-se safando, mas o Velha Miséria Smith não conseguia dizer «imbom» sem parecer que a palavra lhe queimava a língua. Syme via nisso um motivo para andar sempre atrás dele e agir como seu melhor amigo, para o poder massacrar com expressões em Novilíngua e vê-lo ficar todo desorientado. Smith não tinha estômago para execuções públicas, pelo que Syme contava-lhe em detalhe os enforcamentos a que tinha assistido, imitando os sons dos enforcados e manifestando o prazer que sentia ao ver as línguas penderem-lhes da boca. O rosto de Smith mudava completamente de cor. E essa era a ideia de diversão de Syme.

Julia tinha falado com ele numa única ocasião, quando tinham ficado juntos na mesma mesa na cantina. Nessa altura, ainda tinha alguma esperança em relação a ele. Havia tão poucos homens atraentes na Verdade, que ela se lembrara de entreter a ideia de uma paixoneta por Smith, para ajudar com o tédio dos dias. Como tal, falara-lhe num tom mais simpático do que o necessário sobre o novo Plano Trienal e sobre os novos funcionários que a Ficção tinha felizmente contratado, tudo graças ao Grande Irmão, e como é que os Registos se estavam a aguentar?

Em vez de lhe responder, ele dissera, sem a olhar nos olhos:

— Quer dizer que trabalhas numa das máquinas da Ficção?

Ela rira-se.

— Conserto tudo o que estiver avariado, camarada. Não apenas uma máquina. Havia de ser bonito, uma máquina que precisasse de ser consertada o dia inteiro!

— Vejo-te sempre de chave-inglesa na mão. — O olhar dele incidu sobre a faixa vermelha da Liga Juvenil Anti-Sexo que ela usava à cintura e depois desviou-se rapidamente, como se tivesse apanhado um choque elétrico. Ela percebera então que o palerma tinha medo dela. Devia julgar que ela estava prestes a denunciá-lo por sexocri-me — como se ela pudesse ver a imundice que lhe estava a passar pela cabeça!

Bem, depois disso já não valia a pena. Tinham terminado a refeição em silêncio.

O dia em que tudo mudou foi o da manhã em que O'Brien se encontrava na Ficção, uma desagradável manhã de abril fustigada por ventos terríveis, em que toda a Londres abanava e rangia como se prestes a desmoronar-se por completo. Com O'Brien presente, a Ficção parecia uma casa de doidos — toda a gente a querer mostrar o quão arduamente trabalhava —, mas, para os lados de Julia, a coisa estava fraca. Estivera toda a manhã na passagem, à espera de ver as bandeiras amarelas indicativas de que alguém precisava de uma reparação, mas em vão. Geralmente, brotavam como ervas daninhas e Julia passava o dia a correr de um lado para o outro, ao som de: «Está a fazer cá uma barulheira, camarada! Oh, mas agora já não faz... Podes ver na mesma?» A maior parte dos pedidos de apoio técnico não era mais do que uma desculpa para uma saída à socapa para um gim e dois dedos de conversa, e Julia fazia sempre o seu papel, desligando a máquina e fingindo procurar a origem do problema fantasma.

Nesse dia não havia nenhuma barulheira. Todos tinham demasiado medo de que O'Brien os tomasse por sabotadores. Julia passou a manhã de um lado para o outro na passagem, com uma vontade imensa de fumar, mas ciente de que bastaria um cigarro para parecer criminosamente ociosa.

A Ficção era um espaço amplo e sem janelas que ocupava os dois primeiros andares da cave do Ministério da Verdade. O espaço era dominado pelas máquinas de enredo, oito máquinas gigantescas que pareciam simples caixas de metal brilhante. Quando eram abertas, as suas entranhas revelavam uma amálgama desconcertante de sensores e engrenagens. Somente Julia e a sua colega Essie sabiam remexer no seu interior sem causar estragos. O mecanismo central era o caleidoscópio. Tinha dezasseis conjuntos de pinças que selecionavam e transportavam elementos de enredo; centenas de letras de metal que eram selecionadas e descartadas até se encontrar um grupo que encaixasse. Então esse padrão bem-sucedido era composto — mais uma vez por máquinas — sobre uma placa magnetizada. A placa era mergulhada num tabuleiro de tinta, depois era retirada e estampada num rolo de papel. Essa folha de papel impresso era depois recortada. Um supervisor arrancava-a do rolo.

O resultado era uma impressão em grelha, à qual se dava, em jeito de brincadeira, o nome «cartão de bingo», reunindo todos os elementos de uma história: género, personagens principais, acontecimentos importantes. Em tempos, um homem da Revisão tinha tentado explicar a Julia como é que esses elementos eram interpretados, mas em vão. Mesmo após cinco anos de experiência nesse espaço de trabalho, para ela era como se fossem hieróglifos lestasiáticos.

Agora observava, enquanto um supervisor arrancava uma nova impressão do rolo e a agitava para secar a tinta. Quando ficou satisfeito, enrolou-a, introduziu-a num cilindro verde e enfiou o cilindro num tubo pneumático. Do sítio onde se encontrava na passagem, Julia pôde ver o cilindro percorrer um emaranhado de tubos de plástico translúcido no teto, até cair num cesto na extremidade sul da divisão. Aí era a Revisão, onde homens e mulheres se encontravam sentados em longas filas, murmurando para falascreves e transformando os cartões de bingo em romances e contos. Mas, por essa altura, já não havia máquinas envolvidas no processo, pelo que Julia perdeu o interesse.

Tinha um fascínio imenso pela máquina de enredos, pelo seu funcionamento e as várias maneiras como poderia avariar-se. Sabia como eram elaboradas as tintas e adorava explicar por que motivo é que o azul dava tantas chatices. Sabia como é que o papel se mantinha direito e o que o fazia amarfanhar ou vincar. Tinha a perfeita noção de quando uma peça iria necessitar de ser substituída em breve, e sabia como submeter o pedido de maneira a que não fosse rejeitado pelo Comité de Bens de Produção. Todavia, no que dizia respeito aos livros, que eram o resultado final, pouco sabia e interessava-se ainda menos.

Uma vez, um tipo da Revisão dissera-lhe que agora era exatamente como ela, depois de ter sido um leitor voraz. «Dizem que quem gosta de salsichas nunca deveria ver como é que são feitas. Fica-se enjoado. Foi o que aconteceu comigo e os livros.» Para Julia, essa máxima não se aplicava às salsichas. Já tinha feito e comido salsichas sem pensar duas vezes. Inclusivamente, uma vez comera salsichas cruas para ganhar uma aposta. Mas a máxima aplicava-se a *A Vitória da Revolução: Tudo pelo Grande Irmão*, ou a *Enfermeira de Guerra VII: Larissa*.

Enquanto pensava nisso, deu-se conta de que observava distraidamente O'Brien. Ele andava de um lado para o outro na sala, improvisando pequenos discursos, fazendo perguntas, sorrindo cordialmente para todos. Nas zonas mais afastadas, os trabalhadores mantinham-se cabisbaixos e inexpressivos. Imitavam as máquinas o melhor que podiam e, em muitos casos, essa imitação era incrivelmente exata. Mais perto de O'Brien, porém, todos os rostos estavam voltados para ele, cheios de uma esperança tímida, como flores à procura do Sol. Várias pessoas tinham sido levadas a abandonar os seus postos de trabalho e estavam reunidas perto dele, escutando com atenção tudo o que ele dizia. É claro, a tagarelice de um membro do Partido Interno tinha sempre precedência sobre o trabalho.

Visto da passagem, o que mais chamava a atenção era o contraste físico entre O'Brien e os que o escutavam. O'Brien envergava o fato-macaco preto do Partido Interno, feito de algodão americano grosso e que lhe assentava tão bem que só podia ter sido feito à medida. Todos os outros pertenciam ao Partido Externo, e por isso usavam fatos-macaco de raíom azul, que lhes ficavam demasiado justos ou comicamente largos. Bastava usá-lo uma vez para o raíom ficar marcado na zona dos joelhos; ao fim de vinte utilizações, os joelhos ficavam grossos de tanto serem cerzidos. A cor saía com as lavagens, por isso cada fato-macaco tinha a sua própria tonalidade azul e manchas onde a cor desbotara de maneira desigual. O'Brien era alto e com uma constituição robusta, ao passo que as pessoas da Ficção eram penosamente magras ou barrigudas. Tinham essa postura permanente curvada típica dos submissos, enquanto O'Brien era um homem de costas muito direitas e força taurina. Facilmente se imaginava os seus nós dos dedos cheios de cicatrizes e o nariz arrebitado partido, embora, na realidade, ele não exibisse uma única marca. Havia ainda a questão do seu charme: tratava todos os homens como se fossem seus amigos íntimos e levava todas as raparigas a convencerem-se de que tinham captado a sua atenção. Era tudo fingido, claro, mas ainda assim era impossível não simpatizar com ele.

Lembrava a Julia um filme que ela tinha visto, em que um homem do Partido Interno tinha ficado preso na Segunda Região Agrícola e

acabara por salvar a colheita. Só ele percebia que o problema do milho era um inseto minúsculo que o devorava por dentro. Isso graças ao seu intelecto superior, simbolizado pelos elegantes óculos que usava encavalitados na ponta do nariz. Porém, quando era preciso ajudar na colheita, ele dobrava os óculos, guardava-os no bolso e a sua força bruta fazia as maravilhas dos camponeses. As raparigas suspiravam por ele e os trabalhadores agrícolas gargalhavam com as suas piadas simples. O'Brien era exatamente isso, até no pormenor dos óculos de armação dourada e das raparigas aos suspiros. Mesmo agora, Margaret, da mesma residência de Julia, aparecera de repente ao lado dele na Máquina 4, rindo-se de tudo o que O'Brien dizia, as faces rosadas e a mão a compor o cabelo cor de areia. Margaret nem sequer trabalhava na Ficção, pelo que não fazia qualquer sentido que estivesse ali. E atrás dela estavam Syme e Ampleforth, ambos colegas de trabalho dela no décimo andar. Os três deviam ter-se dado conta da presença de O'Brien e tinham vindo a correr.

Julia desviou o olhar, irritada, pois ela própria deveria estar a meter conversa com O'Brien — não por causa dos olhos azuis dele, mas para ver se ele precisava de alguma reparação em casa. A maioria precisava: o pessoal da Habitação demorava uma eternidade e, quando por fim aparecia, nunca tinham as peças necessárias. Julia fazia reparações domésticas pelo desafio — dizia ela —, mas quase toda a gente tinha a amabilidade de lhe dar cinquenta dólares. E quando eram membros do Partido Interno valia sempre a pena, mesmo que não lhe pagassem. Aliás, era preferível que não lhe pagassem. Isso era o equivalente a ser tratada como uma amiga. Julia ouvira falar sobre pessoas que tinham conseguido empregos, ou apartamentos, graças a esse género de amizades.

O'Brien seria o «amigo» ideal. Todavia, Julia manteve-se na passagem, o seu rosto uma verdadeira máscara de vigilância respeitadora. A ideia de se aproximar desse homem arrepiava-a. O'Brien era do Amor.

Nesse instante, todas as máquinas se desligaram. Zuniram e abrandaram com um gemido, fazendo lembrar uma criatura gigante soltando um pesado suspiro e assentando o corpanzil no chão. No silêncio que se seguiu — um silêncio dilacerante, um silêncio como a surdez

após a explosão de uma bomba — ecoou o apito para os Dois Minutos de Ódio.

A Ficção, juntamente com uma dúzia de outros departamentos, manifestava o seu Ódio nos Registos. Os Registos tinham espaço; metade do escritório fora desimpedida na Pequena Retificação de 1979. Sendo que era uma mudança agradável para a Ficção, pois trabalhavam nas profundezas sombrias, ao passo que os Registos se situavam no Piso Dez, onde havia fileiras de janelas nas quatro paredes. O único senão era o facto de não poderem usar os elevadores — exercício saudável, camaradas! Como se não bastasse, havia três pisos «fantasma» que em tempos tinham albergado escritórios apinhados de gente, mas que agora se encontravam vazios, pelo que o Piso Dez era na verdade o Piso Treze. Isso implicava não só subir três lanços de escadas adicionais, como também passar por esses «pisos dos mortos».

Cada patamar era dominado por um telecrã. Syme e Ampleforth, que se viam aflitos para subirem as escadas, paravam constantemente para comentarem com aparente fascínio o que o telecrã estava a dizer nesse momento, arfando e limpando a transpiração da testa. Julia tinha o hábito de sorrir para cada telecrã por que passava, imaginando-se a animar o dia de um qualquer vigilante entediado. As escadas não a assustavam. Com vinte e seis anos, nunca se sentira tão em forma e nunca estivera tão bem alimentada. Hoje sentia-se particularmente animada depois de tantas e tão entediantes horas de inatividade, pelo que subiu com passos rápidos, metendo conversa com todas as pessoas com quem se cruzava, dando apertos de mão e rindo-se de piadas. Syme dera-lhe a alcunha de «Amor-Eu», o que às vezes a fazia pensar, mas podia ter sido muito pior. Só perto do final da subida é que abrandou o passo de maneira abrupta, assim que reparou estar prestes a ultrapassar O'Brien. Por essa razão, deu por si imediatamente atrás dele quando o grupo entrou nos Registos.

A primeira coisa que viu foi Smith — o Velha Miséria. Estava a pôr as cadeiras em fila e, concentrado nessa tarefa, aparentava um ar surpreendentemente simpático. Um homem magro na casa dos